

ECOS RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Enigmas da pedra riscada

texto LIANA JOHN e foto JOÃO CORREIA FILHO



12
TERRA DA GENTE

Itacoatiara, em tupi-guarani, quer dizer pedra riscada. Também é o termo que designa um tipo de inscrição rupestre – a gravada em relevo e não apenas pintada – no entender dos especialistas. Diversas localidades levam esse nome – um porto e um município no estado do Amazonas, uma praia e um costão no município de Niterói, por exemplo – e a maioria dessas localidades ainda tem um marco de pedra com formas geométricas e desenhos feitos na pré-história. Não sabemos muito sobre os povos primitivos – e já extintos – que fizeram tais marcos, exceto quais instrumentos e técnicas usaram e por onde viviam, pois as rochas com desenhos semelhantes indicam alguma proximidade cultural ou contato entre seus autores.

A Paraíba é uma das regiões mais ricas em itacoatiaras do

Brasil, com mais de mil sítios arqueológicos catalogados. Ali fica a Pedra do Ingá, localizada a 84 km da capital, João Pessoa. Trata-se uma imensa rocha de gnaíse, provavelmente gravada com um instrumento feito de outra pedra mais dura, como granito ou basalto. O painel principal tem 3,5 metros de altura por 24 metros de comprimento, mas se somarmos a ele outras figuras e grafismos próximos são 250 metros quadrados decorados. "Acreditamos que eles usassem uma espécie de cinzel de pedra e fossem talhando pouco a pouco, chocando o cinzel contra a rocha, ferindo a rocha de acordo com um desenho anteriormente esboçado", explica Vanderley de Brito, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), autor do livro *A Pedra do Ingá – Itacoatiaras na Paraíba*. "Depois de gravadas, as figuras da Pedra do Ingá foram polidas e, neste caso, com todo o esmero. Sem dúvida, é uma das itacoatiaras mais bem trabalhadas".

A data provável em que as inscrições foram feitas é difícil de estabelecer. Só se sabe que são pré-históricas, ou seja, anteriores a 1500. Mas isso é muito impreciso: podem ser milhares de anos antes da chegada dos europeus, podem ser apenas algumas décadas. O problema para definir o período está numa das características comuns a quase todas as pe-

dras riscadas: o fato de estarem localizadas na costa ou ao lado de cursos d'água e, portanto, em áreas sujeitas a marés ou cheias e vazantes. Devido à dinâmica natural desses solos, com o tempo foram literalmente lavados os indícios de presença humana passíveis de datação pelos métodos hoje conhecidos.

Mesmo a Pedra do Ingá de vez em quando fica com suas inscrições submersas, nas grandes cheias do rio Ingá, que é temporário. Isso ocorre, em geral, entre maio e julho. Atualmente, além dos sedimentos carregados das margens desprovidas de vegetação ciliar, os esgotos lançados no rio também oferecem risco, pois o excesso de matéria orgânica em decomposição torna as águas mais ácidas. As inscrições ainda sofrem com a amplitude térmica do sertão: entre as horas mais quentes do dia e as mais frias da noite chega a haver diferenças de temperatura de até 20° C. E como a mata ao redor das rochas decoradas foi igualmente cortada há décadas, as constantes contrações e dilatações das rochas causam descamações e rachaduras. Felizmente, outra ameaça – a depredação humana – é contida pelo guarda da Pedra do Ingá, o guia e comerciante Renato Alves. Ele se estabeleceu lá por conta própria e há 20 anos recebe turistas e estudiosos, sempre de olho na integridade dos desenhos.